

UM DEFEITO DE COR: O ENTRE E O DUPLO DA DIÁSPORA

Cristiane Felipe Ribeiro de Araújo (UFMG)

Antes de partir
Encherei os meus olhos, a minha memória
Do verde (verde, verde!) do meu País
Para que quando tomado pela saudade
Verde seja a esperança
Do regresso breve

José Carlos – poeta Guineense

A pós-modernidade traz a discussão sobre os sujeitos multifacetados que vivem entre os lugares, se vêm a partir de quem são e, ao mesmo tempo, do que esperam que sejam. De acordo com Stuart Hall, em *Da diáspora, identidades e mediações culturais* (2003), vivemos em uma época em que a combinação entre o que é semelhante e o que é diferente coloca em voga a cultura afro-descendente (ou a negação dela) disseminada a partir da diáspora africana. O resultado desse movimento de *des-locamentos* é a evidência dessas várias faces, do sujeito entrecortado pelas culturas e pelas identidades que perpassam por quem ele é, de onde ele vem e como - ou se - ele é visto.

É a partir dessa discussão que este ensaio aponta para a importância de analisar a figura do estrangeiro na Literatura. O que leva o sujeito a pertencer a lugar nenhum? Como se constroem e desconstroem os espaços e os discursos à medida em que se muda e se estranha e se é estranhado por novas línguas, novas culturas? Para ilustrar essa análise optei pelo o romance histórico, produto de uma pesquisa historiográfica de dois anos sobre o comportamento socioeconômico e cultural do Brasil e da África no século XIX: *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves.

O livro é narrado por uma africana, Kehinde, que até os oito anos de idade vivia em Savalu, África. Após a morte da mãe e do irmão ela, junto da avó e Taiwo, sua irmã gêmea viajam sem rumo e chegam em Uidá. Nessa cidade as duas irmãs são capturadas e jogadas em um navio negreiro com destino ao Brasil.

Dessa viagem, Kehinde, única sobrevivente de sua família. Vai trabalhar em uma fazenda na ilha de Itaparica. Convém observar aqui a recorrência do mar na vida da personagem que perpassa a narrativa mapeando o trânsito dela. Na fazenda, a protagonista passa boa parte da infância e adolescência, é sexualmente abusada pelo senhor e dessa relação, originou seu primeiro filho, Banjokô.

Depois de morar em Itaparica, Kehinde muda-se para Salvador com a sinhá. Começa a trabalhar como escrava de ganho e compra sua liberdade. Casa-se com Alberto, um comerciante português, e tem um filho que mais tarde é vendido como escravo pelo próprio pai. Depois de livre, envolve-se com os mulçumanos e participa da revolta organizada com o objetivo de tomar o poder da Bahia e decretar a abolição. É perseguida pela polícia e, para se esconder, viaja por vários lugares do nordeste, estudando sobre os vodus e orixás, mapeando a memória de sua terra.

Após descobrir o desaparecimento do filho, Kehinde percorre outros estados para tentar localizá-lo. Frustradas as tentativas, retorna à África na esperança de encontrá-lo. Lá, tenta recomeçar a vida. Reencontra os amigos de infância, conhece um negro de uma colônia inglesa, fica grávida de gêmeos e casa-se com ele. Mesmo com os amigos, filhos e marido a narradora ainda sente falta do Brasil e principalmente do filho perdido.

Em Uidá, Kehinde abre uma construtora de casas como as do Brasil e se transforma em uma grande empresária. Depois de ter criado os filhos, sente que precisa voltar ao Brasil. Já com mais de oitenta anos, ela pega de novo o navio e, ao fazer a última viagem de sua vida à procura do filho, resolve escrever a sua história. Na expectativa de que o filho possa encontrar os escritos e na esperança de que sua memória permaneça viva, volta ao Brasil lembrando o seu passado, refletindo sobre sua vida, costurando suas lembranças.

Pode-se notar que Kehinde, ao ser retirada de sua terra para ser escravizada no Brasil, passa a se estranhar, a viver *em busca de*, a ver na travessia o verdadeiro motivo do viver. O fato de pertencer a lugar nenhum é uma característica importante do estrangeiro. Uma vez retirado de seu local, ela constrói e reconstrói vários locais não vendo necessidade de se fixar em nenhum deles. Kehinde começa suas viagens aos oito anos e todas proporcionadas por uma necessidade maior, a busca é a mola propulsora dessa travessia feita quase sempre com muita dor e angústia. Na primeira, era a avó que estava em busca de novos rumos, esperanças; depois a curiosidade a levou até um navio negreiro. Mais tarde, a procura por um meio de vida melhor da sinhá a levou para Salvador e depois que seu filho desaparece, há uma série de viagens para encontrá-lo. Na página 718 do romance, a narradora explica essa concepção ao dizer que quer *mudar de fase, mudar de lugar como se isso representasse um novo começo, em que as esperanças se renovam*. E ainda completa: *sempre fui assim (...) poder começar de novo, em outro lugar, com outras pessoas, com novos planos é algo que não recuso nunca*.

A condição de viajante levou essa personagem a profundas reflexões sobre quem era e como a viam. A consciência de si sempre passava pelo olhar do outro a cada novo lugar, uma nova concepção de vida e de personalidade. Essa visão de si pelo outro é colocada por Du Bois, em *As almas da gente negra*: 1999. Quando ele fala sobre sua condição de negro norte-americano no início do século XIX, aponta a mesma experiência que a protagonista teve a partir do contato com um mundo branco e eurocêntrico. Seus colegas de escola compram cartões de visita para trocar entre si em uma brincadeira e ele diz que

A troca foi alegre até que uma menina alta, recém chegada, recusou o meu cartão. Recusou-o peremptoriamente, com um olhar. Então me ocorreu, com uma certa urgência, que eu era diferente dos outros; ou talvez semelhante no coração, na vida, e nos anseios, mas isolado do mundo deles por um imenso véu.
(1999:53)

Essa relação, denominada dupla-consciência consiste, então, em saber que, ao mesmo tempo em que se vê como igual, é, diante dos olhos de outrem, diferente. Para Bois, Negro e Americano não se fundem porque, embora todos apresentem os requisitos que os enquadram em seres humanos, o fato de ser africano o difere dos demais, sob o ponto de vista dos outros. Eram semelhantes no coração; e de que isso valia se não poderiam se aproximar, pois um véu os separara?

O negro africano do século XIX pertencia a um espaço que entra em divergência com os valores europeus disseminados pelo ocidente. Ao sair de seu local se estranha quando se vê a partir do outro ou quando descobre um ser duplo: sou o que vivi até agora e sou o que o outro vê em mim. A primeira vez que Kehinde vê a sinhazinha, fica surpresa e encontra nos olhos dela a mesma rejeição que Bois descreve:

na verdade, eu não só a achei bonita, mas também senti medo ou um certo estranhamento (grifo meu) quando percebi os olhos, que me pareciam de vidro ou de água do mar, pois nunca tinha visto gente com olhos daquela cor. (...) A sinhazinha me olhou com um certo interesse, mas não retribuiu meu sorriso, provavelmente tinha me achado menos interessante e muito mais feia que os outros brinquedos, porque foi isso que a Esméria disse que eu seria para ela, um brinquedo ... (2006: 78)

A palavra estranhamento é o ápice na tradução da condição do não pertencimento, não reconhecimento. A protagonista pára como se estivesse diante de uma obra de arte que a faz refletir sobre quem é e como é. Estranhamento é a explicação do objeto a partir da visão, é a singularização da coisa. O hábito torna a vida automática e a arte provoca o estranhamento deslocando o receptor para um universo crítico (Ginzburg, 2002).

A protagonista percebe ali duas individualidades que irão refletir em toda a sua vida de estrangeira, seja no Brasil, seja na África ela sempre terá o olhar do outro à espreita de seu comportamento. Para Du Bois (1999:54), o sonho do Negro é que essa consciência possa se fundir e que alguém possa ser ao mesmo tempo Negro e americano *sem ser amaldiçoado e cuspidor por seus camaradas, sem ter as portas da oportunidade brutalmente batidas na cara*. Mesmo se transformando em uma mulher rica e voltando para seu país, a protagonista encontra sempre esse outro olhar que não a aceita como afro-brasileira: ora ele tem que ser africana, ora brasileira.

Nota-se, então, que esse estranhamento que leva à dupla consciência é uma consequência da diáspora africana, esse estrangeiro, particularmente, enfrentou e enfrenta esse tipo de desafio que hoje faz parte da discussão pós-moderna quando se analisa o sujeito multifacetado, transformado em uma não-fusão de identidades, uma confusão de sua própria imagem em função, no caso aqui tratado, da dupla-consciência.

No primeiro capítulo do livro, no sub-capítulo chamado As descobertas, a narradora revela uma importante visão de si que é um desdobramento da noção de dupla-consciência ilustrada no trecho anterior. Aqui Kehinde se vê pela primeira vez no espelho e a diferença entre o que ela esperava ver e quem ela é confirma a teoria de Bois:

A Esméria parou na frente dele e me chamou, disse para eu fechar os olhos e imaginar como eu era, com o que me parecia (...) Eu sabia que tinha a pele escura e o cabelo duro e escuro, mas me imaginava parecida com a sinhazinha. (...) Era muito diferente do que imaginava, e durante alguns dias me achei feia, como a sinhá sempre dizia que todos os pretos eram e evitei chegar perto da sinhazinha. (2006: 84)

Nesse momento, seus próprios olhos denunciam o duplo que vive dentro de si, ela se assusta com o fato de não se reconhecer e entende que ali não é o seu local - O uso da palavra local nesse artigo se refere ao conceito de localidade de Homi Bhabha (2005) -. O desejo de voltar à África a persegue por muito, pois acredita que lá estão suas origens. Porém, seus familiares estão mortos e à medida que o tempo passa finca raízes aqui também. Com isso, está instaurado o dilema do estrangeiro: o não pertencimento.

Dentro dessa esfera, esse ensaio aponta para a importância da análise dos deslocamentos do estrangeiro na esfera social. A personagem vivia entre a casa grande e a senzala, tinha acesso à comida e dormitório razoáveis. Sua inteligência e perspicácia fez com que sempre conseguisse viver bem, ou pelo menos melhor um pouco que os

outros, mas tinha a consciência que jamais seria tratada como branca. Du Bois (1994:54) diz que seu propósito de luta *é ser um colaborador no reino da cultura, escapar da morte e do isolamento, é administrar e utilizar o melhor da sua potência e do seu gênio latente*. Na página 87 do romance, quando Kehinde experimenta uma roupa da sinhazinha, ela faz essa mesma opção: *Me achei linda e prometi que um dia ainda seria forra e teria, além das roupas iguais às das pretas do mercado, muitas outras iguais às da sinhazinha*.

Desde então, ela usa toda sua inteligência para provar a si mesma que poderia pertencer a outro local que não fosse o de subalterna. Aprendeu a ler, a falar inglês, começou a vender *cookies*, o que lhe deu um grande retorno, no entanto, continuava sendo vista como uma escrava e precisava mentir dizendo que quem fazia aqueles biscoitos era sua sinhá a qual preferia não se expor e, por isso, encarregava-a dos negócios. Mas, mesmo dentro do véu, da visibilidade turva e enviesada, Kehinde consegue se estruturar financeiramente e passa a ser vista com certo respeito em Salvador. Não só no âmbito profissional, mas identitário também. A personagem não abre mão de seus cultos nem de ideologias que afirmam sua origem ou a memória de seu povo. Ela vive entre suas convicções identitárias e os padrões do mundo ocidental. Há, portanto, uma oscilação das diferenças sociais que podem promover uma certa negociação do interesse comunitário ou do valor cultural, deslocando os saberes e proporcionando o vislumbamento de uma vida diferente daquela oferecida. É o que ocorre com Kehinde quando se torna grande amiga da sinhazinha e muito admirada por esta e por Dr. José Manoel seu marido. Essa oscilação dos lugares funciona como um excedente das somas das diferenças, por isso não se pode dizer que Kehinde muda seu lugar de enunciação na sociedade, mas afirma-se que ao lugar em que ela estava ela não pertence mais. A protagonista se encontra, então, no entre-lugar (Bhabha, 2003)

Mesmo depois de inserida no mercado dos negócios de Salvador, havia uma questão da qual jamais Kehinde pudesse se livrar: a de estrangeira. Ela não pertencia a este país, por mais que seus vínculos estivessem aqui. A condição de estrangeira fazia com que Kehinde sempre pensasse na África como um lugar idealizado. Quando esteve no Brasil, defendeu os africanos, recusou-se a ser batizada, apoiava-se na memória de sua terra para adquirir força e continuar resistindo à colonização, preservou a memória e a cultura de seu povo, apresentou seus filhos aos orixás e manteve a tradição dos vodus pela memória da avó.

O conceito do entre-lugar relacionado ao estrangeiro se acentua quando Kehinde perde o filho mais novo. A busca contínua pelos rastros da criança revela o não pertencimento da protagonista aos lugares por onde passa. A partir desse momento ela já não se importa em se fixar, pelo contrário, está sempre disposta a continuar viajando até achar o filho perdido.

Marc Augé (2005) define, assim como Bhabha, lugar como um espaço de criação de identidades, relações e construção de uma história, ele pode se modificar ou ser modificado; logo, onde isso não ocorre tem-se a sua negação, o *não-lugar*. É importante que fique clara a distinção do lugar para entre-lugar, pois este fica entre as relações de poder no âmbito da ocupação social, cultural e identitória e aquele na identificação espacial. Kehinde passa por vários não-lugares, ou melhor, transforma-os todos em um local de não identificação em decorrência da falta do filho. Esse fato vai levá-la a uma condição de “errante”, sua meta é encontrar o filho, logo os lugares passam a ser não lugares quando a expectativa de encontrar a criança se esvai.

Faz-se necessário analisar também como o processo de memória se dá na construção da consciência da figura estrangeira. É ela que motiva a busca e fortalece a personagem. Mas a memória não se encontra apenas em objetos levados ou adquiridos nos lugares de passagem. Ela está no corpo que funciona como repertório de toda a dor vivida e testemunhada por meio da narrativa. A própria narrativa remonta, então, a tradição dos *griots* africanos que consiste em relatar o ocorrido para que a memória do povo não morra, a experiência é o símbolo da resistência.

O estrangeiro está em um constante recomeço, é a figura que estranha a si mesmo, não se reconhece mais, os seus lugares tornam-se não lugares em função da ausência. Entretanto, no caso de Kehinde, a cada nova partida, a cada novo começo, há o repertório para lhe fortalecer e para promover o movimento em sua vida. Na verdade, a viagem sempre esteve presente na vida da personagem. Uma vez retirada de seu verdadeiro lugar, passou a pertencer a lugar algum, A inconstância passa a viver dentro dela. A necessidade da busca é inerente ao viajante e ele precisa de que haja algo que proporcione isso. Na página 164 do romance, a narradora revela esse comportamento quando descobre que Lourenço, um crioulo que trabalhava na fazenda de Itaparica, queria formar uma família com ela, ter filhos e protegê-la, a protagonista diz que chegou a ficar comovida com as palavras de Lourenço e que *naquele momento, e durante toda a vida, tive que lidar com duas sensações bastantes ruins, a de não pertencer a lugar algum e o medo de me unir a alguém que depois partiria por um motivo qualquer.*

A inconstância da vida constrói o sonho do estrangeiro. Kehinde precisava viajar para renovar suas forças, porque a cada viagem, uma nova oportunidade surgia, não apenas do re-encontro com o filho vendido pelo pai, mas também consigo mesma. Mesmo quando volta para África, a sensação de não pertencimento a acompanha. Ela estava retornando para o lugar de onde veio, às suas origens e mesmo assim se sentia uma estrangeira e foi assim também quando chegou ao Brasil, mais de trinta anos antes. E o que, por um momento, a retira dessa condição é a memória, pois resgata elementos de identificação proporcionando um bem-estar, uma idéia de encontro que logo é quebrada à medida que ela vai substituindo as doces lembranças da infância por uma realidade amarga do presente.

A narradora não consegue mais aceitar os hábitos africanos, embora os respeite. Quando retorna para Uidá, há um sentimento de frustração, pois o sonho difere da realidade. Aí começam novos estranhamentos. O processo de dupla consciência também ocorre, porém invertido. Enquanto lá (Brasil) precisou lutar para ser reconhecida como africana e fazer muitas concessões porque sua identidade estava sempre dividida entre afro e brasileira: sabiam que era africana, mas esperavam um comportamento de brasileira; ela precisava se render à cultura local para passar pela *aprovação* do olhar do outro. Aqui (África) ela sabe que seus costumes são de brasileiro, mas esperam dela um comportamento africano, porque é a sua nacionalidade. O duplo e o entre ainda continuam impregnados em sua identidade. Em Uidá, como em Salvador ela encontra um lugar de acordo com Marc Augé ou um local, segundo Bhabha, mesmo estando sem o filho, o que não ocorre em Santos, São Paulo ou Campinas que são apenas estadias, não-lugares, (Augé, 2005). Nestes, ela só queria encontrar o filho e naqueles procurou encontrar a si mesma.

Os africanos retornados eram chamados de brasileiros. Essa condição é bastante antagônica, pois, no caso de Kehinde, a vida na África lhe proporcionou uma aproximação de sua cultura, principalmente no culto aos orixás, mas assumir a brasilidade lhe confere um *status* que o título de africana não permitia nem no Brasil,

nem na África. Há uma negociação do valor cultural e do interesse comunitário invertida também: No Brasil a identidade africana simbolizava resistência, memória; na África, a identidade brasileira possibilita acesso.

O antagonismo Aqui X Lá sempre vai perseguir o estrangeiro, uma vez que só lhe restam as lembranças, pois cada vez que parte tem que abrir mão de uma série de coisas. No período em que ficou no Brasil, o Lá, representado pela África continha a esperança, a promessa de uma vida melhor. Ela imaginava que Lá era seu lugar, pois suas origens seu povo, sua cor fariam parte de uma só identidade e Aqui (Brasil) era o lugar do distanciamento, da saudade, da identidade repartida, das concessões e cessões. Então, estando no Aqui, o sonho de encontrar a felicidade Lá vai motivá-la a viver. A necessidade, porém, de voltar só aparece com a ausência do filho; agora, certamente não havia mais nada que a prendesse Aqui, estando Lá a possível solução para sua falta.

No entanto, quando o Lá (África) se torna Aqui (Brasil), os valores de ambos os lugares mudam consideravelmente. Quando chega em Uidá e percebe que será muito difícil encontrar o filho, vê em Salvador a esperança de tê-lo de volta. A partir desse momento, Aqui passa a ser África e se transforma no lugar da dor e da ausência e Lá, Brasil, a esperança do reencontro, os amigos, o que construiu de sólido na vida. A saudade é, portanto, um elemento que acompanhará o estrangeiro independente de onde estiver.

Essa saudade que os retornados sentiam fez com que criassem dentro da África um universo de identificação com os costumes deixados para trás. Eles transformarão o que era estranho em familiar. Nesse sentido, a identidade “pura” africana será “mexida” mesmo para os que nunca saíram. Esse desejo dos retornados promove uma modificação do espaço em que estão inseridos atingindo todos aqueles que o compõem. Que fique claro que não há nesse espaço o desejo de homogeneização decorrido do processo de colonização. Não está sendo construído aqui um processo de aculturação, imposição de uma cultura que se julga superior. A narradora deixa isso claro quando afirma que também pensava como os brasileiros, achava que era melhor em alguns aspectos, mas

Além de não ter coragem de falar por causa da minha amizade com a família de Titikayo, achava que o certo não era a inimidade, não era desprezarmos os africanos por eles serem mais atrasados, mas sim ajuda-los a ficar como nós.
(Gonçalves, 2006: 756)

Não se pode perceber nessa fala um desejo de colonizar o outro e sim de dividir experiências afim de tornar a vida na África melhor, pelo menos do ponto de vista da narradora. Essa vontade de ajudar desencadeará um processo de transformação espacial fundamental para entendermos duas teorias importantes relacionadas à diáspora e tratadas na atualidade que têm suas raízes fincadas no séculos XIX: o entre-tempo e o hibridismo.

O deslocamento espacial Aqui X Lá gera a ausência daquilo que remete o estrangeiro às boas lembranças. Quando o retornado volta à sua origem ele já não vê aquilo que motivou o seu retorno, porque o tempo não parou enquanto ele estava fora. O avanço do tempo é um modificador do espaço, além disso, o ponto de vista de quando se sai é muito diferente de quando se chega. Houve, portanto, uma modificação espacial que desencadeasse uma frustração no sujeito, levando-o a ser um estranho em um local que era para lhe ser bastante familiar.

Por outro lado, ele também sente falta do espaço deixado Lá. Não há uma identificação espacial que represente a sua experiência vivida, seu repertório. Essa ausência produz uma lacuna na identidade do estrangeiro que luta, então, para associar o local de sua origem com o local do repertório, ele tenta aproveitar um espaço e o transforma em um local fundido: a terra deixada com o a terra sonhada. O que provoca essa fundição é a necessidade do enraizamento que se choca com a inconstância inerente à condição de estrangeiro. A fim de se restabelecer raízes ele recria, então, um espaço que pode aproximá-lo do local sonhado.

O conceito de entre-tempo (Bhabha, 2005:338) refere-se à cesura deixada pela diferença temporal entre a busca pelo progresso de um lado e a paralisação do tempo presente por outro. Essa cesura decorre da heterogeneidade social. Guardada as devidas proporções, porque Bhabha trata desse conceito a partir das relações colonizador/colonizado, no espaço tratado nesse ensaio, percebe-se essa cesura na lacuna existente entre os retornados e os africanos. A temporalidade de ambos avança, porém a diferença entre os dois faz com que o primeiro pare e reflita sobre o tempo em que está a partir de agora e o lugar que ocupa.

Não há espaço para que uma cultura se sobreponha à outra, pois a temporalidade de uma “obriga” a outra a parar também. Quando os brasileiros chegam, acreditam que haverá uma identificação espacial com a África e eles se frustram, pois, o tempo continuou andando e, como já foi dito, o local imaginário é diferente do espaço encontrado e isso causa essa diferença que é a cesura temporal existente entre ambas as culturas. O tempo “anda” Lá de um modo diferente Daqui. Então, os retornados não puderam chegar e continuar fazendo as mesmas coisas que faziam no Brasil.

No momento em que modificam o espaço ocupado transformando-o em um local de enraizamento, eles tentam equiparar essa diferença temporal. A narrativa apresenta para isso uma alegoria fundamental para esse ensaio que trata do viajante: Kehinde, na tentativa de transformar seu espaço em um local para se fixar, começa a importar objetos e empregar brasileiros para construir uma casa no estilo da arquitetura baiana.

Essa movimentação lhe deu a idéia de vender e fabricar os projetos dessas casas, com isso ela traz a arquitetura baiana para Uidá. É bastante paradoxal pensar que a figura de um estrangeiro seria uma construtora de casas de alvenaria que simbolizam a fixidez, mas ao analisar o movimento da Diáspora tem-se condição de entender esse processo. Os negros africanos são arrancados de suas terras e a partir daí se inicia um processo de errância. O duplo e o entre tratados aqui são inerentes a essa condição. A casa de alvenaria é a alegoria do enraizamento proposto por Gilroy, em *O Atlântico Negro* que, ao analisar a condição atual do negro no ocidente, nota que

o apelo ao enraizamento tornou uma questão urgente apenas quando os negros da diáspora procuraram montar uma agenda política na qual o ideal de enraizamento era identificado como pré-requisito para as formas de integridade cultural, poderiam garantir a nação e o estado aos quais aspiravam.

(Gilroy, 2001: 224)

E era esse o contexto da narrativa. O retorno foi uma tentativa de criar essa nação. Mas a partir do momento em que saíram de seus lares, a consciência-dupla os colocará sempre em um patamar diferente de quem é, verdadeiramente, daqui ou de lá.

A protagonista representa uma classe que aprendeu a viver nas fronteiras da diferença. E é essa condição que impulsiona a transformação do tempo e espaço que

ocupa. Quando ela começa a construir casas, ela concretiza o desejo de sair da condição de viajante e de criar um local de restabelecimento da identidade.

O cenário de Uidá no fim do século XIX, então, assume uma nova identidade. Africanos e brasileiros convivem ali criando novas fronteiras culturais. Essa identidade irá conferir um aspecto híbrido à cidade. Esses aspectos, portanto, podem ser projetados para todos os lugares que tiveram alguma relação com a diáspora. Não se deve levar em consideração o aspecto negativo a que a Biologia imprimiu esse conceito, mas sim relacioná-lo ao vigor e resistência das espécies graças à heterogeneidade (Stross, 1999). A mistura de espaços e fronteiras forma o processo de hibridização (Coser, 2005) que irá refletir na arquitetura, na religião e na língua. Em suma, as fronteiras do discurso são modificadas, negociadas e a heterogeneidade ganha força.

Depois de ter construído metafórica e literalmente a sua história, a mola que impulsiona a movimentação da vida de Kehinde volta a incomodar. Os lugares voltam a ficar estranhos, ela se lembra de que é uma estrangeira. E que por isso precisa construir mais, buscar aquilo que é, dentro dela, a grande lacuna e ao mesmo tempo a sua força e resistência: o filho perdido.

Ao voltar para o Brasil, quase aos oitenta anos, ela resolve contar a sua história. Os relatos de uma viagem, narrados durante a sua viagem final permitirão que todos tenham acesso a construção mais sólida da vida de Kehinde: o eterno ir e vir. A morte da protagonista em alto-mar metaforiza a construção da história do viajante, filho da diáspora. O navio representa o movimento da vida; o livro, a memória e a água, o ciclo, o início e o fim de tudo, a certeza de que um dia regressaremos para nos revigorar e nos preparar para mais uma viagem.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA

- AUGÉ, Marc. **Não lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade.** Campinas: Papirus, 2005.
- BOIS, Du. **As almas da gente negra.** Tradução: Heloísa Toller. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.
- BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura.** Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CARLOS, José. In **A literatura na Guiné Bissau.** Org. Antônio Gomes e Fernanda Cavacas. Rio de Janeiro: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação, 1997.
- COSER, Stelamaris. **Híbrido, Hibridismo e Hibridização.** In Conceitos de Literatura e Cultura. Org. Eurídice Figueiredo. Editora UFJF/ EdUFF, Juiz de Fora: 2005.
- GILROY, Paul. **O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência.** Trad. Cid Knipel Moreira. UCAM: 2001.
- GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira. Nove reflexões sobre a distância.** Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor.** Rio de Janeiro: Record, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, 8ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. pp. 247-352.
- RODRIGUES, Eurícles. In **Antologia do Mar na Poesia Africana de Língua Portuguesa do século XX** Vol II. Org. Carmem Lúcia Secco. Rio de Janeiro: Letras Vernáculas, 1999.
- STROSS, Brian. In COSER, Stelamaris. **Híbrido, Hibridismo e Hibridização.** In Conceitos de Literatura e Cultura. Org. Eurídice Figueiredo. Editora UFJF/ EdUFF, Juiz de Fora: 2005.